PLATAFORMA VIRTUAL “NOVO PROFESSOR”: DA NARRATIVIDADE EXITOSA SOBRE O PROFESSOR E SOBRE A AULA

JOÃO DE DEUS LEITE¹, FELIPE GONÇALVES CARNEIRO²,
BRUNA OLIVERIO REZENDE³

Universidade Federal do Tocantins
Av. Paraguai, s/n – 77824-838 – Setor Cimba – Araguaína, TO – Brasil

joaodedeusleite@hotmail.com , felipegcarneiro@yahoo.com.br ,
brunaoliveriorezende@gmail.com

Resumo. Neste artigo, enfocamos dois vídeos disponibilizados na plataforma virtual “Novo Professor”, no Youtube, tendo o seguinte objetivo: analisar e problematizar o modo como professor e aula são significados em tais vídeos. Inscritos na Análise de Discurso francesa de orientação pècheuxtiana, a problematização está circunscrita ao fato de que esses vídeos põem em circulação discursividades prontas para usar e consumir acerca do que é o professor e a aula. Por meio de recortes discursivos, procedemos ao batimento entre descrição e interpretação, de maneira a evidenciar como as relações de adjetivação e de adverbialização significam o professor e a aula. As análises mostram que o professor e a aula são significados à luz de uma discursividade tecnicista, criando a ilusão de que bastaria seguir os procedimentos discursivizados nos vídeos para se ter uma “aula de excelência”.

Palavras-chaves: Análise de Discurso; aula exitosa; discursividade; “novo professor”; plataforma virtual.

Abstract. In this article, we focus on two videos available on the “Novo Professor” virtual platform, on YouTube, with the following general aim: problematize and analyze how the teacher and class are signified in such videos. Inscribed in the French Discourse Analysis of Pecheutian orientation, the problematization is limited to the fact that these videos put into circulation discursivities ready to use and consume about what is the teacher and the lesson. Through discursive cuts, we proceeded to beat between transcription and interpretation, in order to show how the adjectivation and adverbialization relations mean the teacher and the lesson. The analyzes show that the teacher and the class are signified in the light of a technicist discursivity, creating the illusion that it would be enough to follow the discursive procedures in the videos in order to have a “class of excellence”.

Keywords: Discourse Analysis; class of excellence; discursivities; “novo professor”; virtual platform.

¹ Doutor em Estudos Linguísticos pela UFU. Docente e pesquisador na Universidade Federal do Tocantins.

² Mestrando em Ensino de Língua e Literatura pela UFT.

³ Graduada em Letras pela UFT.

INTRODUÇÃO

As diretrizes oficiais que orientam a estruturação dos cursos de licenciatura, no Brasil, especificam a relevância de disciplinas teóricas e pedagógicas, bem como de disciplinas de Estágios Supervisionados Curriculares obrigatórios. É o caso, por exemplo, da Lei 11.788/2008 (Art. 1º e seu § 1º). Essa lei tematiza que o estágio tem como principal foco o aprendizado, no que se refere às competências próprias de atividades de cunho profissional, como, também, a contextualização curricular, que objetiva o desenvolvimento do estudante na vida social e profissional.

Por ser licenciatura, os cursos precisam criar condições para que o acadêmico se forme na condição de professor, que dê conta do planejamento e da execução de uma aula, por exemplo. Em relação ao Estágio Supervisionado Curricular (ESC), ressaltamos que o acadêmico dispõe de uma carga horária teórica, que é cumprida na universidade, e prática, que é realizada na escola campo do estágio. Enfatizamos que, na parte prática do ESC, o acadêmico tem a possibilidade de vivenciar experiências que são de fundamental importância para sua formação profissional em relação a todas as atividades desenvolvidas dentro e fora da sala de aula.

É no ESC que o aluno poderá praticar e desenvolver os conhecimentos, metodologia e orientações construídos no decorrer da graduação. Destacamos que o incentivo e a obrigatoriedade da realização de estágios vieram como uma forma de aproximar os acadêmicos da realidade própria ao mundo do trabalho, estabelecendo oportunidades que visam à vivência dos estagiários com as práticas profissionais e, ao mesmo tempo, ao enriquecimento e requalificação no tocante à formação acadêmica.

O objetivo em si do ESC é fazer com que o futuro docente possa ter um contato direto com a sala de aula, pois ele é a junção de “dois mundos”, o acadêmico e o profissional. É imprescindível que o futuro professor saiba articular e relacionar os saberes construídos no decorrer da graduação e, assim, construir uma metodologia de ensino que qualifica e ressignifica o papel do futuro professor. Para tanto, os ESC buscam criar condições que possibilitam o acadêmico construir as suas metodologias de ensino, também, no ato discursivo da aula, considerando as possíveis contingências do espaço de sala de aula.

O acontecimento da aula para o aluno pode se constituir de várias maneiras, considerando que o professor não tem garantia da produção dos saberes. Desse modo, pressupõe-se uma construção subjetiva da aula para o aluno como, também, para o professor. A partir dessa perspectiva, podemos salientar que a aula pode evidenciar saberes que o acadêmico constrói e que são possíveis de desenvolverem no decorrer da graduação. Na disciplina do ESC, o acadêmico se depara com o momento de planejamento de suas aulas, o que demanda o desenvolvimento de metodologias. A partir desse desenvolvimento metodológico, algumas plataformas virtuais disponibilizam vídeos de forma gratuita, expressando dicas e/ou procedimentos, para que o futuro professor possa se filiar, com o intuito de produzir uma “aula de excelência”. É o caso do canal “Novo Professor”, encontrado na plataforma virtual *Youtube*, objeto deste artigo.

De acordo com a problematização apresentada anteriormente, partimos da seguinte pergunta: como professor e aula são significados na plataforma virtual “Novo professor”? Dependendo dessa significação e, também, do perfil de professor que acessa esse tipo de

plataforma virtual, a aula planejada passa a ser tomada como modelo a ser filiado, já que o ciberespaço põe em circulação discursividades prontas para usar e consumir. Por essa razão, é necessário que se problematize esse tipo de material.

Em relação ao professor, tais discursividades estabelecem que, para que a aula seja supostamente de excelência, até mesmo em relação ao ensino e à aprendizagem dos alunos, é preciso seguir as regras e os procedimentos que são enunciados nos vídeos do canal em discussão. Neste momento, tocamos a questão do enunciado “aula de excelência”, e perguntamo-nos: essa aula seria excelente para quem? Para o canal que disponibiliza os materiais? Para quem assiste vídeos? Para o professor que procura reproduzir as aulas disponibilizadas? Considerando o fato de que essas discursividades enunciam que a aula pode ser de excelência, essas plataformas ganham cada vez mais acessos, evidenciando uma maior circulação desses materiais no meio de professores em formação inicial e, até mesmo, entre professores que já atuam na docência.

Neste artigo, analisamos e problematizamos o modo como professor e aula são significados em dois vídeos do canal “Novo Professor”, disponíveis na plataforma virtual *Youtube*. Essa significação coloca o professor em uma dimensão de consumidor, que está em busca por materiais prontos e acabados denominados de “prêt-à-porter” (cf. MARIANI, 2018; AGUSTINI, LEITE, GOUVEIA, 2019). Neste artigo, estamos concebendo que esses materiais estão integrados a uma discursividade “prêt-à-porter”. Na perspectiva discursiva, essa discursividade inscreve sentidos de que os produtos estão prontos para serem usados e consumidos, isto é, basta seguir as instruções do canal “Novo Professor” que se produzirá uma “aula de excelência”.

Para tanto, mobilizamos recortes discursivos (RD) das transcrições produzidas dos dois vídeos foco da análise e, a partir destes recortes, particularizamos as relações de adjetivação e de adverbialização da materialidade histórica. Objetivamos, por meio dos RDs, apresentar as enunciações feitas pelos locutores que apresentam os vídeos em questão, buscando pensar no modo como professor e aula são significados, a partir de uma narratividade exitosa, discutindo, também, como essa narratividade ganha outras formas de subjetivação.

Para atingir os fins a que nos propomos, alicerçamos o nosso artigo no aporte teórico-metodológico da Análise de Discurso (AD) francesa, tecida por Michel Pêcheux e por Eni Orlandi, e que nos faz pensar a linguagem sempre em movimento, construindo, assim, diferentes sentidos. Essa movência de sentidos está, sempre, em formulação, pois o sujeito é constituído por uma historicidade.

Organizamos este artigo em seções. A primeira enfoca a nossa incursão teórica na AD pêcheuxtiana; abordamos as noções de discurso, de sujeito e de construção de sentidos, que permeiam uma materialidade linguístico-histórica para essa área do saber científico. Assim, buscamos ancorar, teoricamente, o nosso artigo, considerando o que problematizamos em relação aos vídeos, tomados como objetos simbólicos. Na segunda seção, descrevemos o caminho metodológico que percorremos considerando os objetivos traçados. Ainda sobre essa seção, apresentamos o procedimento de constituição do nosso material de análise, assim como o procedimento de análise. Com relação à terceira seção, esta compreende as análises dos recortes discursivos (RD) dos vídeos. Trata-se do nosso mo(vi)mento de análise, em que descrevemos a materialidade histórica e, em seguida,

construímos espaços de interpretação, fazendo trabalhar os efeitos de sentido engendrados por nossa posição analista de discurso.

CONSTITUIÇÃO, FORMULAÇÃO E CIRCULAÇÃO DE SENTIDOS: A PERSPECTIVA DISCURSIVA EM CENA

Buscando lançar luz para o modo como o professor e a aula são significados em vídeos da plataforma particularizada para este artigo, na presente seção, fazemos uma incursão em pressupostos da Análise de Discurso francesa (doravante, AD), preconizada por Michel Pêcheux, cujo campo epistemológico concebe a linguagem como heterogênea e opaca. Para tanto, reportarmo-nos às teorizações de Pêcheux (2014[1975]) e de Orlandi (2001; 2005), perseguindo os conceitos de discurso, de sujeito e de sentido, pois eles nos permitem pensar esses vídeos, como objetos simbólicos.

Por serem objetos simbólicos, na esteira da Análise de Discurso, é possível ressaltar que os vídeos estão ancorados em três planos, quais sejam: o da *constituição*, que se refere aos sentidos que se historicizam, é o plano do interdiscurso em que a materialidade dos vídeos significa pela sua inscrição na e pela história; o da *formulação*, o plano do intradiscurso, que diz respeito às materialidades simbólicas em um uso específico, em que “a memória se atualiza” (ORLANDI, 2001, p. 9); o da *circulação*, que concerne aos suportes tecnológicos (de papel e/ou digital, por exemplo), os quais acabam pondo os diferentes sentidos em contato com as discursividades produzidas. Dessa maneira, destacamos que os vídeos, em sua materialidade verbal e não verbal, inscrevem-se e habilitam sentidos constituídos sobre o professor e a aula; esses sentidos não nascem do nada, pois há uma determinação histórica sobre eles. E, na sociedade contemporânea, esses sentidos passam a circular, até em função da discursividade capitalista que produz o sentido da educação como mercadoria.

Para Orlandi (2005, p. 26), “a Análise de Discurso visa a compreensão de como um objeto simbólico produz sentidos, como ele está investido de significância para e por sujeitos”. Assim, filiados a essa corrente teórico-metodológica, interessa-nos compreender o processo de significação dos objetos simbólicos que problematizamos neste artigo. Não buscamos origens, mas, sim, os efeitos de sentido que são engendrados a partir das materialidades em questão.

A partir do conceito de discurso, definido como “efeito de sentidos entre locutores” (ORLANDI, 2005, p. 21), ressaltamos que os sujeitos e seus dizeres são frutos das condições de produção sobredeterminados pela historicidade. Seguindo este raciocínio, Orlandi (2005, p. 30) menciona que

os dizeres não são, como dissemos, apenas mensagens a serem decodificadas. São efeitos de sentidos que são produzidos em condições determinadas e que são de alguma forma presentes no modo como se diz, deixando vestígios que o analista de discurso tem de apreender. São pistas que ele aprende a seguir para compreender os sentidos aí produzidos, pondo em relação o dizer com a *exterioridade*, suas *condições de produção*. (ORLANDI, 2005, p. 30, grifos nossos)

Conforme destacamos nessa citação, vemos que a exterioridade e as condições de produção são noções caras para a AD, ao pensar em processo de significação. Essa exterioridade é constitutiva, marcando-se na materialidade discursiva. Por conseguinte, “o sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição etc., não existe ‘em si mesmo’” (PÊCHEUX, 2014[1975], p. 146). Dessa forma, os sentidos não são imanentes, isto é, não são intrínsecos à materialidade. Esses sentidos são construídos por sujeitos assujeitados, em que vemos o funcionamento do efeito ideológico imprimindo à materialidade significante a ilusão imediata de literalidade.

Seguindo com os nossos apontamentos, podemos destacar que o processo de formação discursiva do indivíduo em sujeito tem a ver com o contexto sócio-histórico, que delimita tudo aquilo que deve ou não ser dito. De acordo com Orlandi (2005, p. 43), “o discurso se constitui em seu sentido porque aquilo que o sujeito diz se inscreve em uma formação discursiva e não outra para ter um sentido e não outro”.

O sujeito discursivo e a materialidade linguística que ele produz envolvem movimentos como a paráfrase e a polissemia que significam. Esses movimentos dão significação aos sentidos que constituem o sujeito por meio do interdiscurso, o que mantém o seu dizer. O sujeito discursivo, em face do interdiscurso, tem como formulação do seu dizer condições de produção de sentidos, que abrangem uma concepção ideológica e sócio-histórica, a qual ele se filia. Para Orlandi (2005, p. 33),

o interdiscurso é todo o conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos. Para que minhas palavras tenham sentido é preciso que elas já façam sentido. E isto é efeito do interdiscurso: é preciso que o que foi dito por um sujeito específico, em um momento particular se apague na memória para que, passando para o “anonimato” possa fazer sentido em “minhas” palavras. (ORLANDI, 2005, p. 33)

Ressaltamos, ainda, que o sujeito discursivo, interpelado simbolicamente e ideologicamente, constitui-se na e pela história em forma de uma memória discursiva, fazendo-o um sujeito efeito da linguagem. Orlandi (2005, p. 32) ressalta que “o sujeito diz, pensa que sabe o que diz, mas não tem acesso ou controle sobre o modo pelo qual os sentidos se constituem nele”. Tal interpelação é proveniente de instrumentos estatais e estruturais que fazem significar a partir do efeito ideológico da linguagem.

Com isso, a construção de sentidos é feita por meio do efeito ideológico, considerado, na AD, como mecanismo de produção de evidência de sentidos. O sujeito é interpelado por formações ideológicas que, por sua vez, são definidas de acordo com o contexto histórico-cultural e social em que estamos vivendo no momento em que produzimos uma enunciação. Com as palavras de Pêcheux (2014[1975], p. 149), as quais apresentamos a seguir, ancoramos as assertivas acerca do processo de assujeitamento ideológico, a saber:

o funcionamento da Ideologia em geral como interpelação dos indivíduos em sujeitos (e, especialmente, em sujeitos de seu discurso) se realiza através do complexo das formações ideológicas (e, especialmente, através do interdiscurso intrincado nesse complexo) e fornece “a cada sujeito” sua “realidade”, enquanto sistema de evidência e de significações percebidas – aceitas – experimentadas. (PÊCHEUX, 2014[1975], p. 149)

Ao analisarmos o discurso, sabemos que não estamos lidando com uma simples análise textual, ou seja, a análise de discurso é feita de acordo com a contextualidade discursiva com toda a sua estrutura.

Discursividades para o professor: contextualização

Dada a necessidade de o professor ter de planejar e, depois, de executar a aula planejada, este tem a possibilidade de encontrar discursividades “prêt-à-porter” em vídeos que são disponibilizados, gratuitamente, em plataformas virtuais, que visam auxiliar o professor em suas metodologias e práticas de ensino. Com essa disponibilização, ressaltamos que tais discursividades podem fazer com que o professor seja visto como um mero consumidor, que está na busca por materiais prontos e de fácil acesso.

Tais materiais apresentam características de um discurso neoliberal, em que tudo é visto como mercadológico. É preciso que se compreenda os discursos constituídos e presentes no contexto virtual. Como menciona Desidério (2013, p. 222), “para analisar de forma mais elaborada é necessário abandonar uma perspectiva técnica, e procurar compreender os processos de discursividades presentes nesses espaços virtuais”. Na perspectiva da AD, as discursividades consistem na materialização dos efeitos da ideologia no discurso, dado que “é na língua que a ideologia se materializa” (ORLANDI, 2005, p. 38). Vejamos as considerações de Orlandi (2005, p. 43) acerca desse dispositivo.

Tudo o que dizemos tem, pois, um traço ideológico em relação a outros traços ideológicos. E isto não está na essência das palavras, mas na *discursividade*, isto é, na maneira como, no discurso, a ideologia produz seus efeitos, materializando-se nele. O estudo do discurso explicita a maneira como a *linguagem e ideologia se articulam*, se afetam em relação recíproca. (ORLANDI, 2005, p. 38, grifos nossos)

Retornando ao discurso neoliberal, quando o abordamos, remetemo-nos a um sistema capitalista em que a educação passa a ser vista como uma simples mercadoria. Para isso, o mundo virtual tem estabelecido novos métodos de interação e de interlocução entre as pessoas, até mesmo no âmbito da educação. A virtualidade tem cada vez mais influência no âmbito da sociedade, afetando até mesmo o processo de construção de sentidos como, também, em métodos de interpelação do sujeito.

Em relação ao meio educacional, a internet tem oferecido ferramentas que disponibilizam discursividades prontas para o professor, ou seja, o professor tem a possibilidade de encontrar, em vídeo aulas, a tematização de como ministrar uma aula, que, em geral, é adjetivada como de “excelência”, como mostremos ainda neste artigo. A depender do professor que tem acesso a esses materiais, a consulta e a fundamentação em outros tipos de materiais podem não ser efetivadas. No entanto, é importante que o professor analise as discursividades constituídas, formuladas e postas em circulação em tais plataformas. De acordo com Agustini, Leite e Gouveia (2019, p. 61),

o acesso a essas plataformas virtuais, a depender do uso e das finalidades, pode produzir o efeito de apagamento do lugar do professor. É que, em muitos casos, volta-se para essas plataformas, com o intuito de tentar reproduzir o plano no espaço de sala de aula. Essas

plataformas que disponibilizam materiais prontos, sejam planos de aula, sejam aulas prontas, constroem o perfil de “professor consumidor”; aquele que não realiza um trabalho crítico acerca do material nas plataformas e deles se vale indiscriminadamente. (AGUSTINI, LEITE e GOUVEIA, 2019, p. 61)

Para tanto, destacamos que determinados vídeos encontrados em plataformas virtuais, e que trazem a alusão de que o professor pode dar uma “aula de excelência”, podem reproduzir uma narratividade exitosa, no tocante à construção das práticas educacionais do professor. Tais práticas envolvem as experiências e os conhecimentos, que são constituídos no decorrer da vivência com a sala de aula. Vale ressaltar que essas ferramentas virtuais podem ofuscar/apagar o lugar do professor. Agustini, Leite e Gouveia (2019, p. 84) salientam que “[a] oferta criada por certas discursividades capitalistas acabam criando a demanda. E, sob essa lógica, produz-se a fragmentação e a superficialidade da relação do professor com seu objeto de trabalho: o conhecimento”.

Podemos perceber que, em relação às práticas educacionais relacionadas aos meios de comunicação e de produção tecnológicas, produzem-se sentidos que parecem evidenciar uma “rede de memória” que historiciza aspectos sobre o professor e sobre a aula, considerando os processos discursivos encontrados nas práticas sociais e culturais da sociedade.

Destacamos, ainda, que tais práticas precisam ser repensadas e reavaliadas, de acordo com as funcionalidades e as estratégias de ensino e de aprendizagem, que circunscrevem o papel do professor na sociedade. É preciso que haja um aprofundamento sobre quais as vantagens e as desvantagens de discursividades encontradas em plataformas virtuais, no que se refere aos métodos didático-pedagógicos de professores que têm acesso a essas plataformas.

PERSPECTIVA METODOLÓGICA

Neste artigo, como já mencionamos, analisamos e problematizamos a forma como são significados a aula e o professor em relação às discursividades inscritas nos vídeos da plataforma citada. Dessa forma, perguntamo-nos: quais sentidos são engendrados a partir das discursividades inscritas em nosso material de análise? Como essas aulas e o professor são significados?

Este artigo tem como diretriz o método histórico, pois é fundamental que o pesquisador organize todo o processo de historicização frente ao seu material metodológico, seguindo os procedimentos descritivos, como, também, o de interpretação, dando ênfase à parte dos materiais que serão analisados. Segundo Orlandi (2005, p. 27),

cada material de análise exige que seu analista, de acordo com a questão que formula, mobilize conceitos que outro analista não mobilizaria, face as suas (outras) questões. Uma análise não é igual a outra porque mobiliza conceitos diferentes e isso tem resultados cruciais na descrição dos materiais. (ORLANDI, 2005, p. 27)

Em relação ao método histórico, cabe destacar que a descrição e a interpretação dos vídeos provenientes da plataforma virtual *Youtube*, não se estabelecem *a priori*. Trata-se, antes de tudo, de uma construção do analista de discurso frente ao objeto discursivo que ele, também, constrói. No caso em tela, o objeto refere-se aos processos discursivos que significam o professor e a aula, nos vídeos selecionados, de maneira idealizada e passível de ser alcançada.

O canal “Novo Professor”, cujo objetivo é auxiliar o professor em como dar uma aula, que, na plataforma, é adjetivada como “de excelência”; há outras orientações ao professor que podemos encontrar nesse espaço virtual. O canal em questão encontra-se na plataforma virtual *Youtube*, sendo composto por um total de 66 (sessenta e seis) vídeos e 11.490 (onze mil, quatrocentos e noventa) inscritos, contudo, ressaltamos que esses dados se referem ao período em que acessamos para o desenvolvimento do nosso artigo. Podemos observar a presença de sete professores que atuam na exposição das aulas, sendo que estes profissionais são formados em diferentes áreas. No *site*, os vídeos são separados, segundo seus conteúdos, em 05 (cinco) seções ou categorias, são elas: “dicas de aprendizado”, “cuidados com a voz”, “o que você faria”, “dicas para preparar aulas melhores” e “bate-papos ao vivo”.

No tocante à separação dos vídeos em 05 (cinco) seções ou categorias, conforme citamos previamente, descrevemos, agora, sucintamente, a característica de cada seguimento. Na seção “dicas de aprendizado”, os professores dão dicas de metodologias de estudo e o que deve ser feito, para que o aluno se sinta incentivado “a melhorar seu desempenho na hora de estudar”. Na segunda seção, “cuidado com a voz”, encontramos dicas de como cuidar da voz em todo o processo de sala de aula e usá-la como instrumento principal na prática discursiva docente. Na seção “o que você faria”, são propostas perguntas sobre algum “dilema” em relação à sala de aula, os vídeos oriundos dessa seção são divulgados somente em um dia da semana, todas as terças-feiras. Em “dicas para preparar aulas melhores”, são dadas dicas e orientações, para que o professor possa preparar aulas melhores e com excelência.

Conforme viemos mencionando, o nosso material de análise corresponde aos vídeos oriundos do canal “Novo Professor”. Logo, para a elaboração deste artigo, recortamos alguns vídeos que fossem significativos para a nossa análise e problematização. Nesse sentido, nosso recorte compreende a 02 (dois) vídeos, os quais elegemos para que fossem alvo de nossas considerações analíticas.

Os vídeos eleitos para análise e problematização se encontram na seção “dicas para preparar aulas melhores”. A partir da perspectiva teórica a que nos filiamos, consideramos que os vídeos desta categoria possuem temáticas que produzem a discursividade da aula “de excelência”. Nesse sentido, da totalidade de 23 (vinte e três) vídeos que há nessa categoria até o presente momento, escolhemos 02 (dois) para análise. Em seguida, realizamos a transcrição das enunciações presentes nos vídeos selecionados e as apresentamos em recortes discursivos (RD). Na sequência, retomamos as nossas questões de investigação: quais sentidos são engendrados a partir das discursividades inscritas em nosso material de análise? Como essas aulas e o professor são significados, a partir de nossos RDs dos vídeos provenientes da seção “dicas para preparar aulas melhores”?

As análises presentes neste artigo se pautaram pelo método histórico, ou seja, com base na materialidade linguística recortada dos vídeos, consideramos a exterioridade e a historicidade constitutivas. Procedemos com o seguinte movimento: (1) descrição da materialidade linguística e (2) interpretação dessa materialidade, abrindo espaços de interpretação, jogando com os efeitos de sentido passíveis de serem tematizados na e pela materialidade.

Por estarmos filiados à Análise de Discurso francesa, a materialidade linguística é tomada como materialidade histórica. É que, nessa materialidade, a história inscreve-se na língua, produzindo discursividades. Interessa-nos, como viemos destacando, o modo como o professor e a aula são significados nos vídeos selecionados, a partir de nossos RDs. E a significação se marca na materialidade linguístico-histórica, mostrando certas discursividades de circulação social.

O procedimento de análise que empreendemos refere-se ao que demonstramos a seguir: realizamos a descrição das nomeações, das adjetivações e das adverbializações que ocorrem na materialidade, partindo do princípio de que as suas ocorrências não são à toa, ou seja, a bel-prazer dos locutores que enunciam. Elas ganham uma motivação na e pela história, pois o professor e a aula são significados em uma historicidade.

Após a descrição, interpretamos as ocorrências, a partir dos diferentes efeitos de sentido que elas podem produzir. Para tanto, trabalhamos com aspectos do interdiscurso e acionamos traços que constituem a memória discursiva, considerando os diferentes sentidos. Todo efeito de sentido deve ser pensado a partir do modo como as palavras e/ou os enunciados produzem referência na materialidade histórica.

DAS DISCURSIVIDADES SOBRE O PROFESSOR E SOBRE A AULA EM CENA

Esta seção tem como foco principal as descrições e as interpretações que construímos por meio das transcrições dos vídeos enfocados neste artigo. Como ponderamos anteriormente, o processo de descrição e de interpretação parte de uma construção de sentidos interpelados de maneira discursiva, dando significados ao professor e à aula.

Antes de apresentarmos as análises dos 05 (cinco) recortes discursivos (RD1 a RD5) que enfocamos nesta seção, consideramos que o próprio enunciado que intitula a seção dos vídeos, a saber: “dicas para preparar aulas melhores”, merece uma análise discursiva. A ocorrência da palavra “dicas” produz o efeito de sentido de que as considerações que são produzidas nos vídeos seriam, supostamente, mais fáceis de compreensão por parte do espectador. A palavra “dicas” parece tirar do campo da complexidade a temática tratada nos vídeos. Talvez, se ocorresse o lexema “Fundamentos”, no lugar da referida palavra, o efeito fosse diferente. Como se trata de vídeos em circulação na internet, filiados a discursividades prontas para usar e para consumir, a palavra “dicas” busca criar esse efeito de identificação (de proximidade) com o espectador.

Ainda de posse desse enunciado, precisamente da expressão “aulas melhores”, a discursividade “prêt-à-porter” continua significando a aula. A afirmação de “aulas melhores” produz o pressuposto de existência de “aulas piores”. O que seriam essas aulas

piores? E as aulas melhores? Como se trata de um canal da plataforma virtual “Novo Professor”, essa discursividade, encontrando vias de se materializar por meio da relação de adjetivação “aulas melhores”, produz a perspectiva de quem é o responsável por essas aulas é o professor. Do modo como a discursividade ganha circunscrição de sentido, ao professor, é imputado o papel de criar condições para que as aulas sejam melhores. A questão que se (im)põe a nós é a seguinte: quais as aulas figuram como melhores na concepção dos autores dos vídeos? As análises discursivas que se seguem buscam dimensionar possíveis sentidos para essa pergunta.

A seguir, descrevemos o RD1. Após este mo(vi)mento, discorremos sobre as nossas interpretações, os efeitos de sentido engendrados a partir da materialidade histórica.

RD1

Eduardo: oLÁ pessoal ... tudo bem ... estamos de volta pra mais **uma dica...** sabemos muito bem ... que ... **a elaboração de uma aula nem sempre é visto com tanta facilidade pelos professores** ... temos a convicÇÃO tamBÉM de que ... **uma preparação de excelência vai levar a uma aula de excelência** (num) é isso Leonardo? (...)

Leonardo: é na verdade a gente tamBÉM tem grande(s) dificuldade(s) da preparação da aula ... mas ao longo do tempo a gente desenvolveu **algumas TÉCNICAS pra facilitar essa preparação da aula...** e é isso que a gente veio aqui dividir com vocês (...) primeira coisa que a gente faz ... é **a indicação** de TODos os TÓpicos que a gente quer abordar naquela aula ... com o intuito de impaCTAR diretamente os objetivos de aprendizagem que a gente falou no vídeo anterior ... enTÃO ... a indicação dos TÓpicos ela é muito importante ... depois disso a gente **faz a ORdenação** dos TÓpicos que a gente quer seguir ... na verdade ... a ordenação certinha ... vai fazer com que **haja uma historinha** ... a aula tem uma coesão ... a aula tem um segmento para que o aluno não quebre o raciocínio dele ... depois disso ... a gente pensa em algumas maneiras de explicar cada item ... eu indico aTÉ pra não perder tanto tempo no primeiro momento ... pelo menos duas ... se você tiver pelo menos duas ... você vai ser capaz de escolher a melhor maneira de explicar na aula ... e alÉM disso vai ter na manga ou em mãos ... a segunda maneira ... caso haja DÚvida ... outra coisa que a gente pode seguir ... **é a contextualização** ... contextualizar é muito importante ... mostrar a aplicabilidade daquilo que você tá falando para o seu aluno ... faz com que ele tenha uma grande associação do conTEÚdo ... facilitando (o) aprendizado ... essa contextualização ... pode ser com a natureza ... pode ser c(u)m algum esporte ... c(u)m alguma novela ... c(u)m algum livro ... alguma coisa que esteja impaCTando diretamente na vida do aluno...

(Vídeo 1 – Preparando a aula. Grifos nossos.)

A partir de RD1, notamos que o locutor Eduardo inicia a sua enunciação cumprimentando o público, que, nesse momento, é denominado pelo vocativo “pessoal”. Esse vocativo produz o efeito de uma projeção de interlocutor que expressa certa proximidade do locutor com o seu interlocutor (público). É diferente se ocorressem construções como: “Olá, ouvintes”, “Olá professores” etc. A ocorrência do referido vocativo expressa, também, um efeito de informalidade do registro linguístico usado pelo locutor Eduardo. De nossa perspectiva teórica, esse efeito busca criar uma identificação do interlocutor (público que seria os professores), com o objeto fruto de interlocução.

Após o enunciado discutido anteriormente, Eduardo menciona que está de volta “para mais uma dica”. A partir desse enunciado, percebemos que o locutor traz, em sua enunciação, uma alusão de que a informação que vai ser repassada é bastante proveitosa e é feita de maneira menos complexa, ou seja, em um período de tempo mais curto. No âmbito dessa interlocução, Eduardo expressa uma maneira de fazer com que o seu público alvo, os professores, tenham interesse em assistir ao vídeo no intuito de saber mais sobre essa informação que será repassada de maneira mais fácil, o que não tomaria tanto tempo de quem está assistindo.

Em um terceiro momento de interlocução de Eduardo, ele pondera que “a elaboração de uma aula nem sempre é visto com tanta facilidade pelos professores”. O que evidencia uma discursividade de que os professores, muitas vezes, veem o processo de elaboração/planejamento de uma aula como um desafio. Para tanto, Eduardo continua enunciando que, para se ter uma aula “de excelência”, é preciso uma “preparação de excelência”. O enunciado pressupõe que é preciso que os professores elaborem uma aula perfeita, o que desconsidera o fato de que nem toda aula acontece como planejamos, não levando em consideração as contingências que são próprias do espaço de sala de aula.

Sabemos que, em um processo de construção de sentidos, o professor não tem total domínio de tudo que pode acontecer em uma aula, ou seja, o acontecimento da aula em si e a sua subjetivação. Eduardo questiona sobre o enunciado, para o segundo locutor Leonardo, quando diz que, “a gente desenvolveu algumas Técnicas pra facilitar essa preparação da aula”, uma discursividade de que, para facilitar o planejamento de uma aula, o professor pode seguir novas formas, ou como ressalta Leonardo, “Técnicas”, dando o efeito de que tais técnicas seriam eficazes para uma aula “de excelência”.

Leonardo, em que discorre sobre a preparação de uma aula “de excelência”, tematiza como deve ser o seguimento dessas técnicas de preparação da aula, quando ele menciona que “a primeira coisa que a gente faz ... é a **indicação** de todos os Tópicos que a gente quer abordar naquela aula”. A palavra “indicação” traz uma alusão de que os professores/público devem estabelecer todos os pontos ou objetivos que ele vai discutir em determinada aula, ou seja, uma forma de designar os pontos importantes daquela aula. Contudo, Leonardo condiciona que “a ordenação certinha ... vai fazer com que haja uma historinha”, dando um tom diminutivo a seu enunciado, em que gera um efeito de envolvimento, de aproximação com o seu público, no caso, os professores. Também, podemos elencar que o uso do diminutivo pode engendrar um efeito contrário, ou seja, pode engendrar um efeito depreciativo.

Leonardo continua a sua enunciação de uma aula “perfeita”, dando ao público alvo, “a segunda maneira”; como ele menciona, dentre as técnicas para uma aula de “excelência”, é “a contextualização”. Nessa interlocução de Leonardo, ele traz um sentido de que com a contextualização, que para ele “contextualizar é muito importante”, o professor conseguirá envolver o seu(s) aluno(s), e, assim, terá uma aula “perfeita”, sem interrupções. O que nos chama a atenção no enunciado de Leonardo é que, em nenhum momento, ele menciona a contingência de uma aula; para ele, se seguidas essas técnicas, os professores conseguirão dar uma aula sem nenhum tipo de interrupção, o que, por consequência, pode chamar muito atenção do público/professores.

Vejamos, agora, o segundo recorte discursivo de nosso trabalho de análise.

RD2:

Leonardo: aLÉM disso Eduardo ... existem mais alguns passos que a gente pode DÁ ...

Eduardo: com certeza Leonardo ... na hora de você preparar a aula ... (é) fundamental que você tamBÉM tenha em mente a elaboraÇÃO do exerCÍCIO ... sim ... o exerCÍCIO ... ele tem uma funÇÃO dentro de uma aula MUIto importante ... por muitas vezes ... revisar um TÓPico que foi aplicado NAquela aula ... por muitas vezes ... aprofundar um conceito ... pra que o aluno consiga fazer CORRelações c(u)m aquele TÓPico que foi passado ... não só revisar ... não só aprofundar ... mais tamBÉM dar pra ele muito mais então ... embasamento daquilo que tá sendo passado como maTÉria ... **outra parte muito importante professor** ... é que você saiba fazer a previsão do seu quadro de aula ... **lembra daquele Vídeio anterior?** ... em que nó(i)s falamos inclusive sobre a *diferençação* de cores frias e cores quentes ... na hora de se elaborar o quadro ... fazer aquela previsão em dobradura de oito partes ... essa uma estraTÉgia fundamental pra que a gente tenha bem preparado o nosso quadro ... pra gente apresentar a nossa aula pros alunos ... e por fim ... **a dica muito importante** ... é que você professor ... teste a sua aula ... por muitas vezes ... planejamos que uma aula vai acontecer de forma MUIto boa ... no entanto ... faltou (a) executar aquela aula ... fale para si mesmo ... fale em voz alta ... execute essa aula olhando-se para o espelho ... e tenta sobre tudo calcular o tempo de duração dessa aula ... com certeza ... **seguindo essas dicas ... vamos conseguir atingir resultados de aulas de exceLÊncia** ...

Leonardo: **aTÉ a PRÓxima dica** ... até o próximo Vídeio ... um grande abraço.

(Vídeo 1 – Preparando a aula. Grifos nossos.)

O RD2 inicia com Leonardo fazendo o seu movimento de interlocução, enunciando que ainda tem mais maneiras de o professor conseguir planejar uma aula de maneira eficaz, ele menciona que “existem mais alguns passos”. Soa-nos a ideia de que possuem ‘o grande segredo’ das aulas de excelência, contudo está oculto e ninguém o sabe, mas, por meio das dicas, apresentam-nos aos poucos o caminho para alcançar o almejado segredo das aulas “de excelência”. Eduardo menciona que “(é) fundamental que você tamBÉM tenha em mente a elaboraÇÃO do exerCÍCIO”. Com esse enunciado, Eduardo salienta que o(a) professor(a) deve saber qual exercício irá trabalhar com seus alunos, pois, para Eduardo, o exercício é imprescindível em uma aula. Sendo assim, para explicar essa questão, ele enuncia que “o exerCÍCIO ... ele tem uma funÇÃO dentro de uma aula MUIto importante”. Com isso, Leonardo deixa entrever que, com o exercício, o aluno sairá da aula sabendo sobre todo o conteúdo que foi passado. Caso o professor não consiga passar um exercício em sua aula, fica pressuposto, então, que esta não foi “de excelência”?

Em um segundo movimento de interlocução, notamos que Eduardo deixa flagrar que está tendo certo diálogo com o seu público; ele enuncia que “outra parte muito importante professor”. Como analistas de discurso, podemos fazer trabalhar o efeito de sentido de que o locutor busca uma interação com o seu público. Para tanto, Eduardo, ainda, enuncia “lembra daquele Vídeio anterior?”, notamos que esse enunciado pode evidenciar um efeito de envolvimento com o público/professores.

Seguindo com os nossos apontamentos, chama-nos a atenção este trecho, a saber: “a dica muito importante... é que você professor... teste a sua aula... por muitas vezes...”

planejamos que uma aula vai acontecer de forma MUITO boa ... no entanto ... faltou (a) executar aquela aula ... fale para si mesmo ... fale em voz alta ... execute essa aula olhando-se para o espelho ... e tenta sobre tudo calcular o tempo de duração dessa aula”. Nesse excerto, encontramos mais uma dica, contudo “muito” importante: o teste da aula. Esses vídeos são destinados para professores recém-formados, talvez inexperientes, ou destinados aos que possuem anos de docência? Dispõem estes professores de tempo para testarem suas aulas, “olhando-se para o espelho”? Estarão propondo o ensaio de uma performance dentro de um tempo calculado? Dependerá somente o fato de ter ensaiado essa performance (aula) “olhando-se para o espelho” para que o êxito seja garantido? Esse sucesso depende somente do professor? Caso se trate de um ensaio (teste), controlando o tempo, vemos que se descarta a interação do público, no caso os estudantes.

Para finalizar o vídeo, Eduardo enfatiza que “seguindo essas dicas ... vamos conseguir atingir resultados de aulas de excelÊNCIA”. Notamos que ele usa, novamente, a palavra “dica” para dar mais ênfase à sua enunciação, e usa a expressão “aulas de excelÊNCIA”, deixando entrever que uma aula pode ser perfeita, se as dicas forem corretamente seguidas, o que desconsidera o fato de que uma aula pode ser contingente. Ao final do vídeo, o segundo locutor (Leonardo), despede-se do público, deixando destacado que haverá um próximo vídeo com mais dicas.

Partiremos, agora, para a análise do RD3.

RD3:

oLÁ professores ... tudo bem? ... hoje eu vim falar com vocês aqui **um pouquinho** mais sobre o TÓpico (Leonardo vira para o quadro de cor verde, em que está escrito o título do vídeo) **como lidar com os alunos em sala de aula** ... na verdade ... a gente **já teve um Vídeo sobre regras e procedimentos** ... onde a gente falou um pouquinho sobre ... o que fazer ... NÉ? ... pra tentar se ... **ter consistÊNCIA com a parte educativa com os alunos** ... hoje eu vou falar um pouquinho com você(i)s ... continuando um pouco esse assunto ... do seguinte ... é muito importante que aLÉM da consisTÊNcia que a gente tenha que ter com as nossas condutas ... a gente consiga perceber ali da frente ... os alunos que ... podem dar problemas educacionais ... podem conversar mais do que devem ... podem tentar dormir ou endibriar alguma parte da aula ... enTÃO ... por exemplo ... depois da experiÊNcia ... muitos professores já sabem o olhar NÉ? ... e aquele aluno é muito agitado ... aquele aluno vai me dar problema ... ((som com a boca)) e aquele aluno cara ... ((bateu com as mãos)) não sabe a base da maTÉria ... ele tem muita dificuldade ... e essa experiÊNcia pode nos ajudar a contornar algumas situações ... por exemplo ... **é muito comum** ... quando uma aula é muito longa ... que os alunos acabem ... se acomodando nas carteiras NÉ? E aí ... (en) encostam mais do que devem ... e aí o olhar fica um pouco mais preguiçoso ... e enTÃO ... **o professor tem que reagir** ... uma coisa que é muito comum que a gente ver acontecer ... **é o professor acabar chamando atenÇÃO do aluno ... o que não pode acontecer** ... é o professor interromper o seu discurso ... **a aula tem que ter um fluxo natural ... aquele aluno não pode atrapalhar os demais ao longo de uma explicação.**

(Vídeo 2 - Como lidar com os alunos em sala de aula. Grifos nossos)

O RD3 inicia-se com o locutor Leonardo cumprimentando o público, que, dessa vez, é denominado pelo substantivo “professores”. Notamos que, com esse enunciado, produz um efeito de busca por certo envolvimento com o seu público alvo. O substantivo usado, no enunciado, apresenta, também, um efeito de formalidade em concordância com o registro linguístico, que foi usado pelo locutor Leonardo. Em face de nossa perspectiva teórica, tal efeito faz trabalhar a perspectiva de que o locutor busca produzir uma identificação do interlocutor com o objeto fruto da interlocução. Essa identificação assegura, em última instância, acessos e curtidas em relação ao material disponibilizado na plataforma.

Leonardo dá continuidade à sua enunciação, usando o advérbio de quantidade “pouquinho”, permite-nos aventar o sentido para o público de que aquela enunciação será breve, o que pode chamar mais atenção do público, no caso os professores, dependendo do perfil que acessa o material. Leonardo continua a sua interlocução, argumentando que irá apresentar para o público uma maneira de lidar com os alunos, enfatizando que, em um vídeo anterior, já foi falado sobre “regras e procedimentos”.

Perguntamo-nos: qual(is) sentido(s) os locutores engendram com a materialidade “lidar com os alunos em sala de aula”? Seria lidar com alunos com déficit de aprendizagem? Alunos com indisciplina na sala de aula? Referem-se àqueles que chegam atrasados? Remetem aos estudantes que colam nas provas? etc. Não há uma definição precisa. Dessa forma, pressupomos que seria lidar com qualquer discente. A temática “lidar com os alunos” é bastante sedutora, uma vez que acreditamos que seja de interesse de todo professor, principalmente em saber lidar com os alunos que, supostamente, obstaculizam a aula. Qual professor não almeja seguir “regras e procedimentos” para poder, de maneira simples e prática, “lidar com os alunos”? Inicialmente, conjecturamos que o interlocutor é tomado de uma expectativa, dado que se espera a apresentação de dicas, ou seja, mecanismos elementares para poder lidar com os estudantes na sala de aula. Contudo, percebemos, apenas, o tangenciamento dessa temática. Não encontramos “regras e procedimentos” a serem seguidos. Verificamos que as “regras e procedimentos” ficaram circunscritos à alusão da experiência docente em observar a aula e os alunos. E o professor que não têm experiência? Estará fadado a não saber “lidar com os alunos”?

Observemos o seguinte trecho que trata do tema “lidar com alunos”, a saber: “(...) o professor tem que reagir ... uma coisa que é muito comum que a gente ver acontecer ... é o professor acabar chamando atenÇÃO do aluno ... o que não pode acontecer ... é o professor interromper o seu discurso ... a aula tem que ter um fluxo natural ... aquele aluno não pode atrapalhar os demais ao longo de uma explicação”. Notamos que há uma contradição, porque as “regras e procedimentos” para “lidar com os alunos” resumem-se em não lidar com eles, mas, sim, em observá-los e, em seguida, excluí-los. Constatamos que há uma intervenção de apagamento do discente que, supostamente, estorva a aula. Neste sentido, “lidar com os alunos em sala de aula” consiste em o professor não cessar sua explicação, dado que “o que não pode acontecer ... é o professor interromper o seu discurso... a aula tem que ter um fluxo natural”. O professor não deve interromper a sua enunciação para lidar com o estudante, em tese, inconveniente, porque “aquele aluno não pode atrapalhar os demais ao longo de uma explicação”.

Além do mais, observamos que, ao longo da materialidade discursiva, houve a adjetivação de alguns alunos, a saber: “e aquele aluno é muito agitado”, “aquele aluno (...) não sabe

a base da matéria”, “se acomodando nas carteiras”. No entanto, a maneira de lidar com estes alunos que foram adjetivados ficou, também, em torno da observação. Da mesma forma, não se apresentou “regras e procedimentos” para lidar com eles. Uma pergunta nos instiga: de que vale a experiência do professor? Apenas em não parar a aula?

No enunciado “regras e procedimentos”, a palavra “regras”, usada pelo locutor, dá um sentido de que a aula deve ter regras a serem seguidas, e que, quando se fala em “procedimentos”, entendemos, também, que a aula deve ter uma maneira de como o professor deve conduzir a sua aula. Leonardo destaca que, no vídeo anterior, foi tematizado sobre o que professor deve fazer para ter “consistÊNCIA” no aprendizado dos alunos, o que dá um tom de que a aula tem que ter coerência e qualidade, garantindo uma melhor forma educacional de se trabalhar com os alunos. Consideramos, a seguir, o RD4.

RD4:

... enTÃO ... é ser um pouco do **maestro** ali NÉ? ... como a gente faz isso? ... será que é melhor eu - - oh querido levanta ... senta direito - - aí você interrompe o discurso ... de repente não ... a melhor maneira que a gente encontra pra fazer isso é ... o aluno que tá acomodado que tá displicente ... a gente caminha ao longo da sala ... e se aproxima dele ... **toda pessoa tem o seu raio de aÇÃO de proteção natural NÉ?** ... como se fosse um CÍrculo em volta da gente ... onde se alguÉM invadir aquele espaço ... a gente se sente um pouco mais ... desconforTÁVEL ... enTÃO ... o aluno ele cria em volta dele ... como se fosse um CÍrculo de proteção ... e se você sentir que ele *tá* encostando ... e *tá* mais debruçado ... e não *tá* prestando atenÇÃO direito ... não precisa chamar atenÇÃO dele ... só anda em sua direção ... se aproxima dele ... e aí você começa a reparar ... se ele não se ajeitar da mais um passo à frente ... vai se aproximando aos poucos ... *cê* vai perceber que aquele aluno começa a se *indireitar* na carteira ... aTÉ sentar direito ... no que ele sentar ... se você se sentir conforTÁVEL ... faça um contato ... como quem diz - - era isso que eu buscava ... era isso que eu (fu) queria - - mas não precisa dizer nada pra turma ... volte pra sua posição e continua a aula ... a mesma coisa pode acontecer ... quando o discurso é muito longo ... os alunos olharem pro nada né? ... *cê tá* falando e um aluno fica ... NÉ? ... meio parece *cum* semblante meu abobalhado ... assim NÉ? ... não adianta a gente brigar com ele ... OH fulano olha para CÁ (os) ... e aí você acaba perdendo os demais NÉ? ... os alunos riem ... você perde aquele controle da turma ...

(Vídeo 2 - Como lidar com os alunos em sala de aula. Grifos nosso)

Seguimos com a nossa análise do vídeo 02 (dois), por meio do RD4, destacando que Leonardo inicia a sua enunciação, salientando que, na hora de os professores lidarem com seus alunos, eles podem parecer ser um "maestro". Essa enunciação evidencia, assim, uma discursividade de que o professor deve ter total equilíbrio de seus alunos, os quais devem obedecer ao comando do regente. No decorrer de sua enunciação, ele faz questionamentos, fazendo uma alusão de como o professor deve agir com seus alunos, e de que dessa maneira ele terá o comando total dos alunos. Neste caso, observamos a restrição com a adjetivação do aluno com o seguinte enunciado: “o aluno que tá acomodado que tá displicente”. Vemos que as recomendações se restringem aos alunos que incomodam. Contudo, questionamo-nos: todos os alunos que incomodam se portam da mesma maneira? Obteremos os mesmos resultados, caso seguimos as “regras e procedimentos” para estes discentes?

Leonardo, afetado por certos discursos de circulação social, deixa entrever uma inscrição na perspectiva de que as pessoas criam, em volta de si mesmo, "uma raio de aÇÃO de proteÇÃO natural". Não aparece, em sua enunciação, a discursivização de algum pressuposto teórico da Psicologia e/ou da Psicanálise, ancorando as relações transferenciais, por exemplo. Ele usa esse enunciado para explicar que alguns alunos criam um "círculo de proteÇÃO" e que, se o professor tentar invadir esse círculo, o aluno vai começar a prestar atenção na aula. Notamos uma discursividade que homogeneiza os estudantes. Todos os discentes reagiriam da mesma maneira ao terem seu círculo de proteção invadido pelo professor?

Nesse mesmo momento de sua enunciação, Leonardo destaca que, depois que o professor conseguir que o aluno se comporte, ele deve fazer algum tipo de contato com este aluno, que o leve a perceber que o docente agora está satisfeito com a posição do aluno. Leonardo, ainda, fomenta que esse contato pode acontecer, também, quando o professor, em sua aula, apresenta um discurso "muito longo", e que este não deve chamar atenção daquele aluno e desconsiderar os outros alunos que prestam atenção na aula. Ao mencionar "o discurso é muito longo", identificamos uma discursividade de culpabilidade do professor em relação ao aluno que "tá displicente". Podemos, então, pressupor que os professores que possuem "discursos curtos" não enfrentarão essa situação por parte dos estudantes? O que os locutores consideram como "discurso muito longo"? Não há explicação desses parâmetros. Cabe ressaltar que o lexema "discurso" é usado, nessa enunciação, como correlato de "fala"; trata-se de "discurso", no sentido de senso comum.

Ademais, o Leonardo explica que, ao chamar a atenção do aluno, isso pode fazer com que o professor perca o "controle da turma", considerando que, frente a essa situação, "os alunos riem... você perde aquele controle da turma". Essa reação se pauta na experiência própria do locutor como professor ou na observação de aulas de outros professores?

Neste ponto, partimos para o próximo recorte discursivo. Vejamos o RD5, a seguir.

RD5:

enTÃO nesse momento ... utilize gestos NÉ? ... você continua falando normal pra turma ... ma(i)s dá mais atenÇÃO aquele aluno que ta sendo perdido ... inicia com olhar ... introduz um olhar mais direto a ele ... se não der certo ... faça gestos para traze-lo de volta ... cê num precisa perder tanto tempo chamando atenção dele ... ((estalou os dedos)) estala um dedo chama um ... ((estalou os dedos)) estala outro dedo ... ou levanta aqui ... é um pouco da da (palavra repetida: da) orquestra ali ... tá? ... o professor tem que ter um pouco disso ... NÉ? ... um pouco da perceÇÃO ... ma(i)s não adianta depois o cara já ter se perdido no tempo na aula ... tem que ta ali ... começar a aula ligado no que ta acontecendo ... é ... se a maioria dos alunos perder o contato visual com o professor ... aí ta complexo ... enquanto for um for outro ... a gente consegue orquestrar ... se for a grande parte da turma que esta dispersa ... é um momento de gerar d(ê) repente o que a gente já falou tamBÉM ... a quebra de estado ... para um pouco a aula ... conversa com a turma ... fala sobre temas poLÊMicos ... ma(i)s tem uma abordagem pra retornar ... então assim ... desde que você não perca tanto tempo com isso ... é importante quebrar o estado ... a última dica É ... se a turma for probleMÁTica ... faça com que ... em tempos em tempos ... gere um rodizio na sala de aula ... tire os alunos ... não é um aluno

especificamente ... não coloque em voga aquele aluno NÉ? ... faça um rodízio geral da turma ... modifique a posição dos alunos ... é comum quando a gente chega num ambiente em que a gente não conhece tantas pessoas ... a gente sente num lugar ... no dia seguinte a gente acaba sentando no mesmo lugar até que os grupos se organizam ... quando os grupos se organizam ... aqueles bloquinhos de pessoas ficam sempre se misturando ... fa(i)z o seguinte ... troca essas pessoas de lugar ... e Dê outra perspectiva a elas ... quando a gente olha de outro ângulo é uma situação *disconfortante*... aquela pessoa que tá do meu lado ali ... eu *num* conheço direito ... enTÃO ... ao mudar os alunos de lugar ... todos eles ... a gente acaba fazendo com que (o) a unidade do grupo se *disfaça* (o certo seria: desfaça) um pouco ... caso esse grupo seja forte em termos de bagunça ou pouca percepÇÃO da aula ... enTÃO ... vamos utilizar mais as ferramentas de controle de turma ... **e até a PRÓxima dica** ... abraço ... quer elaborar aulas mais eficazes? ... enTÃO se liga no canal do novo professor ... são TÉCNicas que você pode utilizar imediatamente para tornar o ensino e o aprendizado mais eficazes ... confira.

(Vídeo 2 - Como lidar com os alunos em sala de aula. Grifos nosso)

No RD5, Leonardo continua a sua explicação, mencionado que o professor pode utilizar "gestos" para chamar a atenção daquele aluno que "tá sendo perdido". O sentido que Leonardo traz é de que o professor deve usar diversas maneiras para chamar a atenção de alunos dispersos, até mesmo com os dedos das mãos. Em seguida, Leonardo usa o termo "orquestra" para definir os alunos, o que produz um sentido de que o professor seria o "maestro" dessa "orquestra"; retoma a adjetivação do professor como maestro, em que, mediante uma ação do professor, haverá uma (re)ação do aluno.

Leonardo enfatiza que o professor deve entrar na aula sabendo de tudo que está acontecendo. Leonardo, ainda, menciona que, quando o professor perde o contato visual com a maioria dos alunos da turma, a situação está saindo do controle. Ele especifica que, "quando for um for outro ... a gente consegue orquestrar". O termo "orquestrar", nesse momento de sua enunciação, produz um efeito de que o professor consegue, por muitas vezes, harmonizar a turma.

Continuando a sua enunciação, Leonardo ressalta sobre "quebra de estado"; ele vincula tal enunciado ao clima da aula. Ele continua dizendo que, para que o professor consiga a atenção da turma toda, ele pode parar o conteúdo da aula e trazer algo diferente para os alunos, como conversar assuntos da rotina dos alunos. Em seguida, Leonardo enuncia que vai tematizar a última dica. Ele usa, então, o termo "rodízio", para explicar que o professor pode mudar os alunos de lugar de "tempos em tempos". A ocorrência da palavra "rodízio" deixa entrever o sentido de que pode haver um revezamento em relação aos assentos dos alunos. Diferentemente dos recortes discursivos anteriores, cujas "dicas" se referiam à observação do professor e à aproximação deste profissional ao discente que importuna a aula, verificamos as seguintes dicas: conversar com a turma sobre temas polêmicos e/ou fazer rodízio entre os alunos, ou seja, mudá-los de lugar. A nosso ver, essas "dicas" correspondem às ações corriqueiras do professor em aula. Não vemos como inovação nem ineditismo. As conversas professor-aluno acerca de questões do dia a dia, experiências pessoais ou profissionais são comuns no espaço de sala de aula, assim como a estratégia de mudar os alunos de lugar. Qual(is) relação(ões) podemos estabelecer, se

tomarmos essas “dicas” que não são inéditas, a nosso olhar, com o canal “Novo Professor”?

Para finalizar, Leonardo termina a sua enunciação, dizendo que é importante que o professor utilize “ferramentas de controle da turma”. Nesse enunciado, considerando a linguagem como opaca e não transparente, o que seriam essas “ferramentas”? O que seria “controle da turma”? Seria os alunos emudecidos? Percebemos que Leonardo não especifica que ferramentas são essas nem o que seria “controle da turma”. É um enunciado que pode deixar o interlocutor-telespectador confuso. Ao final, ele finaliza com o enunciado “até a PRÓxima dica”, fazendo, novamente, alusão a algo curto e breve, porém, supostamente, proveitoso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer deste artigo, filiados à perspectiva da Análise de Discurso francesa, preconizada por Michel Pêcheux, problematizamos e analisamos dois vídeos do canal “Novo Professor”, os quais estão disponíveis na plataforma virtual *Youtube*. A partir de nossa ancoragem teórica, considerando estes vídeos como objetos simbólicos, interessamo-nos pelo modo pelo qual essas materialidades significam o professor e a aula. Nesse sentido, problematizamos as discursividades que são passíveis de serem construídas a partir da perspectiva de “dicas para preparar aulas melhores”, sendo esta umas das categorias de vídeos apresentadas no canal “Novo Professor”. Assim, munidos dos dispositivos teórico-analíticos pêcheuxianos, analisamos como se configuram estes objetos simbólicos e buscamos compreender o seu funcionamento discursivo.

Observamos que, nos dias atuais, a circulação desse tipo de material, “dicas” de aulas destinadas a professores, tende a se intensificar e se difundir, considerando a quantidade de visualizações de telespectadores-professores que mencionamos ao longo deste artigo. Esses materiais aportam discursividades prontas e acabadas para o professor em formação inicial, por exemplo. Muitos professores tomam esses materiais simbólicos como parâmetros para a execução de uma aula, imbuídos, talvez, do imaginário de que seguir a prescrição das “dicas” significa ser possível acarretar uma relação biunívoca de ação-reação. Perguntamo-nos se os professores que buscam e se apoiam nesses materiais os problematizam e analisam ao acessarem essas plataformas? São questões suscitadas a partir de nossas reflexões e que merecem trabalhos *a posteriori*. Compreendemos que esses profissionais acabam por serem vistos como meros consumidores, pois, a sua postura frente a esse tipo de material, é de investimento por meio de uma subjetivação de materiais que denominamos, neste artigo, de “prêt-à-porter” (cf. MARIANI, 2018).

As discursividades de materiais prontos para usar e consumir estão dentro de um contexto meramente tecnicista, permeando uma dominância do capitalismo neoliberal existente em nossa sociedade, em que tudo é visto como mercadoria. Para tanto, os vídeos foco de nossas análises evidenciam que basta o professor seguir todas as “dicas” enunciadas, para que ele obtenha uma aula “de excelência”. Nesse momento, questionamos: qual(ais) parâmetro(s) para uma aula “de excelência”? Não está evidente nos vídeos que analisamos. Contudo, em nossos recortes discursivos, vemos que as muitas “dicas” salientaram em reter a atenção dos alunos. Então, seria este um parâmetro de aulas “excelentes”? Além do mais, a partir de nossos recortes discursivos, apreendemos a

inscrição de discursividades que culpabilizam o professor pelo êxito das aulas. Estes são responsáveis pelo interesse do aprendiz, por reter a atenção do estudante, deve “policiar a velocidade do discurso” etc. Lançamos alguns questionamentos: será o professor o único responsável? Em que momento podemos apontar a(s) responsabilidade(s) do(s) estudantes no êxito das aulas? Podemos arrolar as condições de trabalho dos professores? Há materiais didáticos disponíveis? As escolas possuem estruturas físicas adequadas? Poderíamos elencar infindas questões alusivas às aulas “de excelência”.

Em nossas considerações analíticas, elencamos discursividades que rarefazem e subestimam a formação docente. Como ressaltamos na introdução deste artigo, as disciplinas de Estágios Supervisionados Curriculares (ESC) buscam preparar o futuro professor, no que se refere ao desenvolvimento de suas metodologias e à didática de ensino, o que envolve uma formação crítica e teórica. Consideramos o ESC de grande relevância na hora de analisar e de articular esses tipos de materiais postos em circulação. Em relação à formação profissional do professor, é esperado que este problematize as questões que envolvem o percurso de uma aula.

De acordo com Agustini, Leite e Gouveia (2019), salientamos que são esperados, principalmente, docentes que tenham conhecimentos que os possibilitam problematizar e questionar as marcas de uma lógica de funcionamento que envolve o discurso neoliberal que se (im)põe à educação na sociedade. A circulação de materiais prontos e acabados para o professor, por meio de plataformas virtuais, tende a dar maior ênfase à educação como mercadoria. No tocante às discursividades enunciadas nesses materiais, podemos dizer que significam o professor como um mero consumidor, o que deflagra uma desconstrução de sentidos que são construídos em uma aula. Seguindo essa vertente mercadológica, os saberes passam a ser dimensionados ao simples acesso a informações. Com isso, percebemos que é fundamental que a educação não seja colocada em um patamar de mera mercadoria, havendo, assim, o acontecimento da formação de professores críticos e conscientes da sua importância na e para a educação.

REFERÊNCIAS

- AGUSTINI, C.L.H.; LEITE, J. de D.; GOUVEIA, R.A. Planos de aula de língua portuguesa em plataformas virtuais: das projeções metodológicas às suas inconsistências. **Linguagem e Ensino**, Pelotas, v. XXII, 57-86, janeiro/março 2019. Disponível em <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/rle/article/view/16129/10107>. Acesso em ago. de 2019.
- BRASIL. Planalto. Da definição, classificação e relações de estágio, Brasília, 2008.
- DESIDÉRIO, P.M.M. Uma leitura do sujeito virtual nas mídias sociais e as contribuições da análise do discurso. **Cadernos de Comunicação**, Santa Maria, v. XVII, 325-345, janeiro-junho 2013.
- GOMES, L.; VALLADARES, E. Preparando a aula. 2015. (3m58s) Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=0ea4Kyo_Pvw&list=PLzls3JSOs8x81eakto43bWnIOS9G1Z15S&index=19. Acesso em 11 jun. 2019.
- GOMES, L. Como lidar com os alunos em sala de aula. 2015. (5m2s) Canal Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=QmqU-8wUPFA&list=PLzls3JSOs8x81eakto43bWnIOS9G1Z15S&index=5>. Acesso em 11 jun. 2019.
- ORLANDI, E.P. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. 6ª. ed. Campinas: Pontes, 2005.
- ORLANDI, E.P. **Discurso e Texto**: formação e circulação de sentidos. Campinas: Pontes, 2001.

MARIANI, B. Discursividades prêt-à-porter, funcionamento de fake news e processos de identificação. **Entremeios** [Revista de Estudos do Discurso, ISSN 2179-3514, on-line, www.entremeios.inf.br], Seção Estudos, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem (PPGCL), Universidade do Vale do Sapucaí (UNIVÁS), Pouso Alegre (MG), vol. 17, p. 3-18, jul.-dez. 2018. Disponível em <http://www.entremeios.inf.br/published/675.pdf>. Acesso em agosto de 2019.

PÊCHEUX, M. (1975). **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 5ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.

Artigo recebido em: out. de 2019.

Aprovado e revisado em: dez. de 2019.

Publicado em: dezembro de 2019.

Para citar este texto:

LEITE, João de Deus; CARNEIRO, Felipe Gonçalves; REZENDE, Bruna Oliverio. Plataforma virtual “Novo Professor”: da narratividade exitosa sobre o professor e sobre a aula. **Entremeios** [Revista de Estudos do Discurso, ISSN 2179-3514, on-line, www.entremeios.inf.br], Seção Estudos, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem (PPGCL), Universidade do Vale do Sapucaí (UNIVÁS), Pouso Alegre (MG), vol. 19, p. 109-128, jul. - dez. 2019.

DOI: <http://dx.doi.org/10.20337/ISSN2179-3514revistaENTREMEIOSvol19pagina109a128>